

ENTREVISTA

A MINHA CORAGEM É A SUA CORAGEM: CONVERSAS ENTRE GERAÇÕES NEGRAS NA POLÍTICA

Ana Carolina Dartora¹

Notas introdutórias

1. Esta entrevista para a **Revista NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses) é o resultado de um encontro histórico entre duas gerações de mulheres negras parlamentares brasileiras. De um lado, Benedita da Silva: mulher negra, nascida no morro do Chapéu Mangueira, primeira senadora negra do Brasil, primeira governadora do Estado do Rio de Janeiro e deputada federal em exercício. Do outro, Ana Carolina Dartora: primeira vereadora negra da história de Curitiba, autora da Lei de Cotas nos Serviços Públicos da cidade, e atualmente a primeira deputada federal negra do estado do Paraná.

2. Mais que uma entrevista, trata-se de uma conversa entre gerações — uma troca entre duas parlamentares negras que, a partir de lugares e tempos diferentes, compartilham as mesmas lutas, dores, estratégias e vitórias. Aqui, a oralidade ganha forma escrita, respeitando o tom da fala, mas buscando leveza e fluidez para a leitura. As repetições e interjeições foram suavemente editadas, sem perder a potência da escuta.

3. Abaixo, o diálogo é apresentado no formato de perguntas e respostas, costurado por reflexões analíticas que ampliam o sentido político e afetivo de cada fala. A versão final foi validada pela entrevistada antes de sua publicação.

4. Transcrição expandida e comentada da entrevista com Benedita da Silva. Este documento reúne, de forma completa, a transcrição expandida da entrevista concedida por Benedita da Silva, com comentários analíticos intercalados. A entrevista foi autorizada pela entrevistada e organizada por Ana Carolina Dartora.

¹ Deputada Federal pelo estado do Paraná. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Contato: caroldartora13@gmail.com

São abordados temas como violência sexual na infância, racismo institucional, autoimagem da mulher negra, trajetória política, representatividade e cotas raciais. O objetivo é preservar o valor político, histórico e emocional da escuta, integrando reflexão crítica.

Ana Carolina Dartora: Benedita, você relatou que foi violentada aos sete anos de idade. Como essa experiência impactou sua infância e sua trajetória?

Benedita da Silva: *Aos sete anos. Sete anos. Na minha casa. Uma pessoa que... não só a mim, também minha sobrinha. Você imagina a cabeça da Benedita no meio desse emaranhado todo. Como se não bastasse, um dia minha mãe estava numa confusão na minha casa. Me chamou no cantinho e disse: 'Vou te contar um segredo. Você não pode contar pra ninguém senão me mata'. E ela me disse: 'Você não é filha do José, você é filha do João.'*

Comentário:

O relato de Benedita rompe com o silêncio que recai sobre tantas meninas negras violentadas em seus lares. Essa memória é atravessada por uma dor íntima e coletiva, que revela o entrelaçamento entre violência sexual, segredo familiar e identidade negada. A revelação materna, longe de ser acolhimento, é mais uma camada de desestabilização. A infância negra é marcada não apenas por privações, mas por feridas que moldam o sujeito. Essa fala é denúncia e também legado — porque nomear a violência é o primeiro passo para transformá-la em resistência política.

Ana Carolina Dartora: Em um momento da sua fala, você diz que teve uma fase de 'não-negra'. O que significava isso para você?

Benedita da Silva: *Eu não queria ser negra. Eu dizia: por que que Deus me fez assim? As pessoas riam de mim porque eu era negra. Porque eu tinha cabelo de pixaim. E aquela coisa. Eu fui crescendo, mas cedo entrei na luta política.*

Comentário:

Essa vivência da 'não-negritude' é expressão de uma identidade fragilizada pelo racismo cotidiano. O desejo de não ser negra é sintoma da estrutura colonial que forma sujeitos com base no ódio à

própria imagem. A fala de Benedita traduz uma dor que ultrapassa o indivíduo: é a negação coletiva da humanidade negra.

Ana Carolina Dartora: Você acredita que essas violências impactaram sua trajetória escolar?

Benedita da Silva: *Não teve nenhum impacto. O impacto foi me tirarem da escola. Porque negro não vai a lugar nenhum. Me disseram que eu tinha que aprender a fazer as coisas de casa. Depois, já casada, eu voltei a fazer o primeiro grau, o segundo grau. Quando eu fui eleita, passei a ter um salário melhor, aí eu fiz vestibular e entrei.*

Comentário:

A retirada de Benedita da escola não foi uma escolha, mas uma imposição racista que ainda atinge tantas meninas negras no Brasil. O discurso que legitima a exclusão educacional com base na cor da pele continua presente, travestido de meritocracia. O retorno de Benedita à educação formal é um ato de reexistência. Sua entrada na universidade depois de eleita simboliza que a educação é também uma conquista política.

Ana Carolina Dartora: Como você avalia a presença e a representatividade de negros e negras nas esferas políticas do Brasil?

Benedita da Silva: *A gente chegou muito tarde nas universidades, no parlamento. A gente sempre teve que fazer o dobro. Ser envolvida, ser militante, estar numa causa. Ninguém me indicou para o PT, eu cresci na minha comunidade. Fui envolvida com o comitê de favelas. Lutei pela proteção das crianças, pela escola. Não tinha quem me indicasse. A mulher não podia nada. Nem ser da associação de moradores. Eu fui lá e briguei pra estar.*

Comentário:

A fala de Benedita escancara o racismo estrutural das instituições políticas brasileiras. A ausência de redes de apadrinhamento para mulheres negras revela o caráter excludente do sistema. A trajetória dela, construída pela base e pela militância, reafirma a centralidade da mobilização

popular como via de acesso ao poder formal. Ser mulher negra na política é romper barreiras que, até hoje, foram construídas para nos excluir.

Ana Carolina Dartora: Quais os principais desafios enfrentados por pessoas negras para conquistar espaços de poder político?

Benedita da Silva: *O racismo se camufla. Mas quando você chega no espaço de decisão, ele se revela. Ele se revela com mais força. Você sofre institucionalmente, mas também no psicológico, no físico. Dizem que aqui é só pra deputado. E você tem que se apresentar.*

Comentário:

Esse trecho toca diretamente na vivência que compartilhamos: a necessidade constante de reafirmação da nossa identidade parlamentar. Ter que se apresentar como 'deputada' não é vaidade — é defesa. É pedagogia da presença. O racismo institucionalizado nega nossa legitimidade, mesmo quando somos eleitas. Essa é a materialização do que Sueli Carneiro chama de epistemicídio: a morte simbólica da autoridade e da legitimidade negra nos espaços institucionais.

Ana Carolina Dartora: Você enfrentou resistência dentro do próprio partido ou nas estruturas institucionais?

Benedita da Silva: *Sim. Disseram que não ia dar certo. Mas eu fui lá e dei entrada com os advogados. Fiz uma consulta ao STF sobre financiamento de campanha. Hoje tem recurso pra candidaturas negras por causa disso. Porque eu insisti.*

Comentário:

Essa intervenção de Benedita representa um marco histórico. O questionamento que ela levou ao STF abriu caminho para mais justiça eleitoral racial. É política pública que nasce da dor e da luta. É um exemplo de como mulheres negras não apenas ocupam o sistema, mas o reinventam por dentro.

Ana Carolina Dartora: E sobre as políticas de cotas? Como você avalia sua efetividade?

Benedita da Silva: *Eu queria que não fosse necessário. Que houvesse igualdade de verdade. Mas a cota é uma denúncia. Ela mostra o racismo. E só por isso já é importante. A gente precisa de políticas que sustentem o povo preto até ele chegar lá. Até ele poder ser bombeiro, ser médico, ser juiz.*

Comentário:

As cotas são um grito político contra a exclusão histórica. Benedita não as romantiza — ela as entende como ferramenta. E mais do que acesso, ela propõe sustentação. Cotas que não se limitem ao ingresso, mas que garantam permanência e dignidade. É uma visão crítica, construída a partir da prática concreta da luta social e legislativa.

Ana Carolina Dartora: Você acredita que a eleição de parlamentares negros pode transformar as estruturas de poder no Brasil?

Benedita da Silva: *Quando um negro se liberta, ele liberta milhões. Foi o que meu marido dizia. E é verdade. A minha coragem é a sua coragem. E eu olho pra você, Carol, e vejo continuidade. Isso é o que mais importa. Que a gente esteja onde disseram que não era lugar nosso.*

Comentário:

Essa fala é afeto e política. É mística e método. 'A minha coragem é a sua coragem' é o resumo do pacto intergeracional entre mulheres negras. Mais do que representatividade, é construção de futuro. É a herança viva se reinventando a cada geração. Essa frase precisa ecoar em todas as escolas, parlamentos e comunidades do Brasil.

Notas complementares

1. A entrevista com Benedita da Silva não é apenas um registro histórico: é uma travessia política, afetiva e ancestral. Ao ouvir suas palavras e cruzar suas vivências com as minhas, fica evidente que a presença de mulheres negras na política brasileira não é mais exceção — é ato de enfrentamento cotidiano e permanente.

2. Ao longo desta conversa, construímos não só um diálogo intergeracional, mas uma ponte de afetos e estratégias que fortalecem a luta coletiva contra o racismo, o sexismo e as exclusões institucionais. A cada fala, Benedita reafirma a centralidade da mulher negra como sujeito político e histórico. A cada comentário, renovo meu compromisso de seguir adiante.
3. Como apontamentos futuros, essa entrevista reforça a importância de ampliar políticas públicas voltadas à equidade racial, de fortalecer os mecanismos de proteção contra a violência política de gênero e raça, e de multiplicar os espaços de formação e empoderamento das juventudes negras. Também sugere a necessidade urgente de preservar as memórias negras na política como ferramentas de educação e resistência.
4. O que Benedita nos oferece não é apenas sua trajetória — é um mapa de possibilidades. A minha coragem é a sua coragem. E essa coragem é, ao mesmo tempo, herança e horizonte.
5. O relato de Benedita sobre sua retirada precoce da escola revela uma ferida estrutural da sociedade brasileira. O sistema educacional, ao invés de acolher, reproduz a exclusão racial desde as primeiras fases da vida. A fala dela confirma o que autores como Bell Hooks e Sueli Carneiro denunciam há décadas: a escola não é neutra. Ela pode ser instrumento de emancipação, mas também pode ser espaço de reprodução de desigualdades.
6. Quando Benedita narra que teve que se apresentar como deputada para ser reconhecida nos espaços institucionais, está evidenciando uma pedagogia forçada da presença, em que o corpo negro precisa se justificar para existir. Esse exercício constante de validação pública é exaustivo e revela a persistência da branquitude enquanto marcador de pertencimento e autoridade.
7. Ao mencionar a importância de políticas de cotas como denúncia, Benedita articula política e crítica social de forma contundente. A cota, nesse sentido, não é só ferramenta de reparação, mas ruptura simbólica. É a interrupção da ilusão da igualdade. A sua defesa por uma política que sustente a população negra até que ela possa 'chegar lá' é um chamado à construção de uma democracia material, não apenas formal.

8. A evocação da coragem intergeracional entre mulheres negras não deve ser lida apenas como afeto: é um ato político. Dizer que 'a minha coragem é a sua coragem' é consolidar uma estratégia de fortalecimento coletivo, uma herança que também é horizonte. Nesse sentido, o encontro entre Benedita e Carol Dartora é histórico — não por ser inédito, mas por ser necessário e transformador.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo e sexismo no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- DARTORA, Ana Carolina. **Pedagogia da presença**: a autoafirmação como estratégia de resistência institucional. Inédito. [material não publicado]
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GRADA, Kilomba. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2021.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Recebido em: 2 maio 2025.

Aceito em: 21 maio 2025.